



Projeto de 1877 de túnel submarino que ligaria o Rio a Niterói

Exposição reconstitui 450 anos do Rio que era para ter sido e não foi

Mostra conta transformação da cidade a partir de projetos frustrados e de outros que vingaram

Imagens relembram planos extravagantes, como a derrubada de um morro inteiro, ou para criar Paris tropical

LUÍZA FRANCO
DO RIO

O que o Rio de Janeiro queria ser quando cresceu? Em 1877, queria ser uma cidade com um túnel submarino que a ligasse a Niterói, do outro lado da baía de Guanabara. Em 1968, queria poder dizer que iria ter um metrô que chegaria até Jacarepaguá, na zona oeste. Ficou querendo os dois e muito mais.

Como mostra a exposição "Rio 450 Anos: Uma História do Futuro", da Biblioteca Nacional, o Rio está acostumado a grandes transformações desde sua fundação, há 450 anos, como a que vive hoje, impulsionada pela conquista da Olimpíada de 2016. Mas está igualmente habituado a não vê-las sair do papel.

A história das transformações da cidade, as que vingaram e as que não, principalmente as desde o Império (1822-1889) até hoje, é contada por meio de 236 plantas, mapas, fotos, gravuras, charges e outros documentos do acervo da BN. Mais do que os planos em si, a exposição mostra que, de boas intenções, o Rio sempre esteve cheio.

Parte disso, dizem especialistas, é culpa da filosofia do "não vou botar azeitona na empada dos outros". "O último governo que de fato planejou alguma coisa foi o de Carlos Lacerda (1961-1965)", diz o arquiteto e historiador Nireu Cavalcanti, autor de "O Rio de Janeiro Setecentista".

Com Lacerda, abriram-se túneis, como o Santa Bárbara e o Rebouças, e vias expressas, como a do aterro do Flamengo. "Os posteriores aban-

Foto de Marc Ferrez do centro do Rio mostra o Morro do Castelo (esq.), derrubado em 1921



Fotos Biblioteca Nacional/Diálogos

donaram tudo o que foi planejado e começaram seus próprios projetos".

Por exemplo, o estudo de viabilidade econômica e técnica do metrô, elaborado em 1968 para o governo do Estado, que dizia ser necessário levá-lo até Jacarepaguá.

O palco do futuro distópico já estava montado: "Como não se tenha dado ao tráfego individual outra alternativa, a rede de vias públicas, já altamente sobrecarregada, o será ainda mais pelo número consideravelmente aumentado de carros particulares", diz o texto. A zona oeste hoje concentra os bairros com o menor IDH (Índice de Desenvolvimento Humano).

PACTO FRENÉTICO

Apesar disso, os cariocas tiveram de esperar até 1979 para ver a inauguração de

4,3 km de trilhos ligando cinco estações na região central. Hoje aguardam a conclusão da modesta extensão da linha até a Barra da Tijuca, bairro próximo a Jacarepaguá.

"O Rio sempre teve um pacto frenético com o futuro. Pode não ter dado certo, mas nunca parou de pensar sobre si", diz o curador, o escritor carioca Marco Lucchesi.

Foram muitos os que projetaram para a cidade um futuro que nunca chegou. Talvez um dos mais ousados tenha sido o arquiteto carioca Sérgio Bernardes (1919-2002).

Seu projeto "Rio do Futuro - Antevisão da Cidade Maravilhosa no Século da Eletrônica", publicado em um número especial da revista "Manchete" em 1965, tinha, entre outras propostas, uma ponte Rio-Niterói passando fora da baía de Guanabara e

com prédios e hotéis ao longo dos pilares de sustentação. "A Ponte Turística seria a 'marca' da Guanabara, como a Torre Eiffel é a marca de Paris [...] esses hotéis seriam como transatlânticos ancorados numa das mais belas paisagens do mundo", dizia a reportagem, há 40 anos.

DENTE CARIADO

Apesar de muitos planos não concretizados, o Rio foi palco de mudanças radicais na paisagem urbana ao longo da história. Vide o "bota-abixo" do prefeito Pereira Passos (1902-1906), demolição de cortiços e favelas para higienizar a cidade e reconstruí-la nos moldes de Paris — algo que a Comissão de Melhoramentos, espécie de plano diretor do Império, previu, mas não conseguiu executar.

Ou a derrubada do Morro

do Castelo, no centro, em 1921, porque o prefeito Carlos Sampaio o achava "feio como um dente cariado na boca de uma moça bonita" — fotos do morro estão na exposição.

Também é, em parte, a estética o que motivou o prefeito Eduardo Paes (PMDB) a derrubar, em 2014, a Perimetral, viaduto que ligava o centro a parte da zona norte.

Passear pela exposição é, de certa forma, como ter "dê-jà-vus" em série. Como já dizia um Machado de Assis perplexo no final século 19, "Mudaram-me a cidade ou mudaram-me para outra".

RIO DE JANEIRO 450 ANOS: UMA HISTÓRIA DO FUTURO
QUANTO ler: a ser, das 10h às 17h, sáb., das 10h30 às 14h, até 30/10
ONDE Biblioteca Nacional - r. México, s/nº Rio, tel. (21) 3095-3879
QUANTO grátis

Para especialistas, reformas foram mal executadas

DO RIO

A cidade do Rio de Janeiro não tem para onde correr. É espremida entre o mar, os morros e a floresta. As condições geográficas determinaram sua expansão e justificaram as intervenções do poder público — aterros, derrubada de morros, túneis.

O problema, dizem especialistas, é que elas foram mal executadas e reforçaram desigualdades.

"Cada vez que acontece um fato inusitado no Rio — desde a chegada da Corte [1808] até a Olimpíada, são feitas obras que não têm nenhuma relação com as necessidades da população. O governante aproveita para fazer o que tem na cabeça", diz o arquiteto e historiador Nireu Cavalcanti.

"Veja todas as transformações que a exposição [Rio 450] mostra. São todas na região central da cidade. O subúrbio sempre ficou entregue à informalidade", diz o arquiteto e urbanista Canagê Vilhena.

Para ele, o máximo que se faz é facilitar o acesso de quem não mora no centro a ele, em vez de garantir às outras áreas a disponibilidade de funções sociais e urbanas — circulação, moradia, trabalho e lazer.

Os planos urbanísticos que nunca viram a luz do dia tiveram cada um o seu enterro. Alguns eram inviáveis tecnicamente, outros esbarrraram em obstáculos políticos e econômicos.

Foi assim que morreu o Plano Agache, elaborado pelo arquiteto francês Donat Agache (1875-1959), que previa planejamento do transporte de massas, crescimento das favelas e delimitação de áreas verdes. Seu relatório pode ser visto na exposição.

Concluído em 1930, foi interrompido pela revolução que aconteceu naquele ano e nunca retomado. "A falta de continuidade sempre foi um obstáculo à execução de planos urbanísticos", afirma André Redondo, ex-subsecretária municipal de urbanismo do Rio (1993-1996).

Para ela, as transformações que estão sendo feitas para a Olimpíada estão na Barra, região que não caide de investimento — pelo contrário, desperta o interesse do setor imobiliário. (1)

"As construções para a Olimpíada estão na Barra, região que não caide de investimento — pelo contrário, desperta o interesse do setor imobiliário." (1)

Cássio Loredano desenha uma cidade que conheceu a pé

Das danças nasceram livro e exposição 'Rio, Papel e Lápis', concebidos pelo Instituto Moreira Salles para os 450 anos do Rio

DO RIO

O desenhista carioca Cássio Loredano, 67, não tem pernas, tem o "expresso canelinha", seu meio de transporte para perambular pelo Rio.

Avesso aos avanços tecnológicos, considera os automóveis "células cancerígenas". Topa pegar ônibus e táxi, se estiver com pressa. O metrô lhe traz desgosto porque o impede de observar a cidade.

De suas danças nasceu o livro "Rio, Papel e Lápis", com 62 desenhos das construções que mais o emocionam na cidade. O livro foi encomendado pelo Instituto Moreira Salles, do qual Loredano é consultor iconográfico, para os 450 anos da cidade. A sede do instituto, na Gávea, expõe alguns dos desenhos originais.

O caricaturista e ilustrador percorreu o roteiro que escolheu quase todo do dia para a noite, tão frescos estavam

os lugares em sua memória. Nela não há a beleza natural pela qual o Rio é conhecido, mas a construída, e, em muitos casos, escondida.

Começa na igreja de Nossa Senhora da Cabeça, no Jardim Botânico, e termina na ponte dos Jesuítas, em Santa Cruz, passando pelo centro, onde está a maior parte dos preferidos de Loredano.

No estúdio, ele desenhava em grafite, nanquim, esferográfica e aquarela o que queria ressaltar. Na rua Primeiro de Março, desenhava a Igreja da Ordem Terceira do Carmo, que considera linda, e apenas o contorno da igreja que fica ao seu lado. "Mexeram demais nela", afirma.

Já na hora de desenhá-la Igreja de São José, quis incluir o vizinho, a Assembleia Legislativa, que ele acha horrenda. "Coloquei só para poder falar mal", diz Loredano. Não só de prédios públicos



Cássio Loredano/Instituto Moreira Salles

'Arco de Teles', desenho feito por Cássio Loredano com nanquim, esferográfica e aquarela

feito o álbum. Estão ali um prédio art déco em Copacabana, outro em Santa Teresa, o Pedregulho, conjunto habitacional na zona norte projetado por Reidy em 1947.

Nos textos que escreveu para acompanhar os desenhos, Loredano mostra sua visão crítica dos prédios. Às vezes de antipatia, como com a praça da Bandeira, outras de carinho, como no caso da Biblioteca Nacional, seu favorito.

Como diz Loredano, a sorte do Rio foi ter ficado sem cinzelar para derrubar esses prédios quando deixou de ser capital. "Quando acordaram, tinham preservado tudo." (1)

RIO, PAPEL E LÁPIS
EXPOSIÇÃO de ter, a dom, e feriados, das 11h às 20h
ONDE Instituto Moreira Salles RJ, r. Marquês de São Vicente, 476, tel. (21) 3284-7400
QUANTO grátis
LIVRO IMS, R\$ 89,90 (156 pág.)